

DA TRAMA À TESE: A ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE TIRAS EM QUADRINHOS SOBRE A PANDEMIA

Glacy Kelli Reis da Silva Xavier*
glaycikelli@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Eveline Cardoso**
cardoso.eveline@uerj.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Baseado em uma abordagem ampliada da argumentação (Amossy, 2011; 2018; Charaudeau, 2008; 2016; e Emediato, 2022), este trabalho propõe uma reflexão sobre a argumentatividade inerente ao discurso, tendo em vista diferentes níveis de manifestação e, principalmente, a intencionalidade do ato comunicativo. Elegeu-se como *corpus* um grupo de tiras em quadrinhos, tendo em vista o teor crítico e o movimento pendular desse gênero discursivo em relação ao eixo informação-captação próprio das mídias. Pressupondo-se uma tendência à captação para levar à reflexão, sustentamos que os textos em estudo apresentam um nível intermediário de argumentatividade, pois, apesar de não serem explicitamente argumentativos em sua configuração formal - o que corresponderia a uma visada argumentativa prototípica -, fazem mais que apenas “orientar os modos de ver” do leitor, como propõe Amossy (2011). Focaliza-se, pois, na análise, a organização enunciativa híbrida, em que uma pequena trama narrada estrutura a argumentação e fundamenta uma tese implícita em torno do tema em questão – a pandemia de covid-19 no Brasil.

Palavras-chave: argumentatividade; intencionalidade; dialogismo; narrativa; tira em quadrinhos.

1 Introdução

Orientado pelos princípios linguageiros da influência e da alteridade, é por meio da argumentatividade que o homem pode compartilhar suas visões de mundo, pode

* Doutora em Estudos da Linguagem e Professora Adjunta de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Foi professora da Educação Básica por 21 anos. É uma das organizadoras e coautoras da obra *Semiolinguística aplicada ao ensino* (Contexto, 2021) e tem como principal foco de pesquisa os modos de organização do discurso, a argumentação, os textos verbo-visuais e o ensino de língua portuguesa.

** Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense e Professora Adjunta do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência docente em todos os segmentos da Educação Básica pública e na modalidade de Educação a Distância do Consórcio CEDERJ. É coautora da obra *Semiolinguística aplicada ao ensino* (Contexto, 2021). Desenvolve pesquisas com foco em análise do discurso aplicada a textos verbo-visuais, com ênfase em quadrinhos, e ensino de língua portuguesa.

dar destaque e validar suas opiniões ou, ainda, pode orientar o olhar daqueles que o cercam para determinados acontecimentos ou temáticas de seu interesse – sabendo que seu interlocutor está submetido à mesma dinâmica. Nesse sentido, tendo em vista a comunicação mediada pelas tecnologias e pelas redes sociais, podemos conceber a argumentação, na esteira de muitos estudiosos da linguagem, como uma dimensão inerente a todo discurso e atravessada pelo dialogismo constitutivo da linguagem (Bakhtin, 1992; Emediato, 2022).

De acordo com a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008; 2016), todo texto expressa, de alguma maneira, um ponto de vista daquele que enuncia. Com um olhar semelhante, a Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy (2011; 2018), preconiza que os discursos podem apresentar, de forma gradativa, o intuito de persuadir mais explícita ou implicitamente e, assim, a argumentação pode revestir-se de aspectos variados. Baseada nesse escopo teórico, esta investigação tem por objetivo refletir sobre a argumentatividade inerente ao discurso sob um viés linguístico-discursivo, considerando a intencionalidade do ato comunicativo, o dialogismo (em sentido amplo) e os diferentes níveis em que tal argumentatividade pode se manifestar.

Como se pode observar, as teorias de base deste trabalho têm como objeto de estudo o próprio discurso como “fenômeno de comunicação humana e social” (Charaudeau, 2020, p. 266). Dessa forma, a metodologia de pesquisa empregada aqui – de caráter qualitativo, exploratório e descritivo – tem seu *corpus* constituído por “textos (produções languageiras em situação) que são agrupados em função de seu pertencimento a tal ou qual tipo de situação” (Charaudeau, 2011, p. 10-11). Nesse sentido, para fins de análise, foram selecionadas três tiras, criadas por cartunistas distintos e publicadas no ano de 2020, no momento mais crítico da pandemia de coronavírus, quando o mundo inteiro vivia o isolamento social e buscava vacinas para conter o que se tornou a quinta epidemia mais mortal da história, com 6.985.964 óbitos atribuídos ao vírus à época da redação deste trabalho¹.

Além disso, as tiras que constituem o *corpus* de pesquisa podem ser classificadas como *tiras livres*, a partir de Ramos (2010; 2016), que cunhou o termo em referência a um tipo de tiras em quadrinhos que se destaca na atualidade em razão da abordagem não humorística de assuntos cotidianos, filosóficos ou pessoais, pela

¹ Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), disponíveis em: <https://covid19.who.int/> (Acesso: 12 dez. 2023).

construção narrativa mais solta e pela experimentação gráfica. Partimos do pressuposto de que esses traços favorecem a projeção menos convencional da materialidade argumentativa, comumente associada a textos fundamentados em argumentos concretos a favor de uma ideia, e permitem reconhecer, em determinados textos, um projeto discursivo estrategicamente posicionado no entrecruzamento entre narração e argumentação – isto é, na fronteira entre a trama e a tese, como propomos no título desta investigação.

Com efeito, o teor altamente crítico e reflexivo do *corpus* se sobrepõe à narratividade própria do gênero tira e enseja o reconhecimento de estratégias de captação entrelaçadas a uma dimensão argumentativa. Sustenta-se, pois, a partir da análise da semiose verbo-visual das peças em estudo, a existência de um nível intermediário de argumentatividade, não explicitamente argumentativo em sua composição, como reconheceríamos, por exemplo, em artigos de opinião ou editoriais (também presentes na mídia jornalística); mas, igualmente, não apenas interessados em “orientar o olhar” do leitor em determinada direção, a exemplo da reportagem, da narrativa de ficção, da carta pessoal etc., que Amossy (2018) considera indiretamente argumentativos. Com base em elementos do contrato comunicativo das tiras livres, postulamos, pois, a existência de uma configuração textual-discursiva híbrida, em que o modo de organização narrativo do discurso estrutura o modo argumentativo – que àquele se sobrepõe, fundamentando uma tese implícita para a qual o enunciador busca adesão.

2 Intencionalidade, dialogismo e argumentatividade inerentes ao discurso

A análise do discurso lida com a linguagem em suas diferentes faces, materializada em diferentes formas: “as do texto literário; as do texto de imprensa; as do texto narrativo; as de desenhos, imagens ou figuras” (Machado; Coura; Mendes, 2013, p. 13). Sendo uma das suas vertentes, a Teoria Semiolinguística, principal base teórica do trabalho em tela, problematiza aspectos mais externos ao fenômeno da linguagem, como a lógica das ações e a influência social, e aspectos mais internos, como a construção do sentido e a construção do texto –, articulados numa perspectiva linguística (em sentido amplo) (Charaudeau, 2005).

Consequentemente, sob esse ponto de vista teórico, a linguagem deve ser vista como um processo interacional e o discurso, por sua vez, observado em sua dimensão

psicossociolinguageira. Isso porque o indivíduo, ao produzir linguagem, encontra-se em um “jogo” comunicativo orientado por um projeto de influência, cuja realização mobiliza um conjunto de estratégias que possibilitarão fazer a passagem do significado (sentido de língua) para a significação (sentido de discurso).

Tendo isso em vista, segundo Charaudeau (2005), o processo de discursivização da língua é regulado pelo *postulado de intencionalidade*, que é definido por meio de quatro parâmetros básicos: o reconhecimento e a legitimação recíprocos dos parceiros envolvidos (princípio de *alteridade*); o tipo de relação que se pretende instaurar com o outro, a partir de um universo de referência comum (princípio de *pertinência*); a finalidade intencional de todo ato de linguagem, ou seja, o efeito que se pretende produzir (princípio de *influência*); uma margem de manobra estratégica ancorada no que os parceiros sabem a respeito do ato de linguagem de que participam (princípio de *regulação*) (Charaudeau, 2005).

Nesse cenário, observa-se que todo ato de discurso “é uma negociação entre eu e tu, o que faz da alteridade um componente constitutivo da vida social e da comunicação” (Emediato, 2022, p. 153) e, além disso, põe em evidência a *dinâmica dialógica* da atividade discursiva. Como aponta Emediato (2022), o discurso está ligado a uma historicidade e manifesta-se na forma de enunciados que dependem das circunstâncias da enunciação (dispositivo, tempo, espaço, finalidade, identidade dos sujeitos, tema, problematização) de forma variável.

Ampliando para a questão da argumentação no discurso, Amossy (2016, p. 23) afirma que todo discurso argumentativo tem uma dimensão social, é interdiscursivo e, assim, está ancorado em “um contexto sociohistórico determinado, de tal forma que o estudo do dispositivo enunciativo se revela tributário da interdiscursividade, da polifonia, dos gêneros do discurso, da situação institucional e do imaginário social”.

Sob essa ótica, considera-se que, mesmo em atividades monogeridas, em que a alternância entre os coenunciadores não é imediata, há interação entre os interlocutores. Retomando Bakhtin/Volóchinov, Amossy (2018) ainda reforça que “todo enunciado confirma, refuta, problematiza posições anteriores, quer tenham sido expressas de modo preciso por um dado interlocutor, ou de modo difuso no interdiscurso contemporâneo”, como consequência da natureza dialógica da linguagem, e, desse modo, mesmo quando “não há uma programação declarada nem estratégias imediatamente perceptíveis”, a utilização da linguagem acarreta uma dimensão argumentativa (Amossy, 2018, p. 42-43). Outrossim, para a autora, a

argumentatividade atravessa o discurso e a argumentação pode revestir-se de aspectos variados.

Essa é uma discussão profícua no campo dos estudos da argumentação e tem levado a diferentes interpretações. Grácio (2013), por exemplo, com base em Plantin, considera que há *argumentação* somente quando existem dois discursos em posição de confronto, em uma interação argumentativa, e prefere usar o termo *argumentatividade* para definir a argumentação no sentido de oposição entre discursos. Do mesmo modo, com base em Kerbrat-Orecchioni e em Plantin, são diferenciados os termos *dialógico* e *dialogal*, sendo que o primeiro considera que o discurso sempre se dirige a alguém e invoca polifonicamente outras vozes, mesmo que monogerido; e o segundo invoca a poligestão de um assunto, com diferença de perspectivas, permitindo-se aos participantes assumir qualquer dos papéis que definem a dinâmica argumentativa: o de proponente, o de oponente e o de questionador (Grácio, 2013).

Quanto a esse aspecto, considerando que o dialogismo está vinculado à problemática da alteridade e da interdiscursividade, Emediato (2022) propõe a distinção entre as noções de *dialogismo interlocutivo*, ou “diálogo no sentido de interação verbal”, e *dialogismo interdiscursivo*, “evocando opiniões circulantes, visões de mundo, crenças das quais os falantes seriam porta-vozes e em relação às quais situariam suas palavras, assumindo posições” (Emediato, 2022, p. 256). Para o autor, os enunciados atualizados em uma troca comunicativa interlocutiva (face a face) ou em um texto (situação monolocutiva) estão sempre em relação ou em reação às palavras dos outros, sejam elas intra ou extratextuais.

Situando a argumentação “no postulado da natureza dialógica da linguagem”, conforme explica Piris (2023, p. 332), Amossy amplia o escopo dos estudos da argumentação ao propor um contínuo de modalidades argumentativas (tipos de troca que modelam o funcionamento da argumentação), o qual, de um lado, situa as argumentações caracterizadas pelo choque entre teses antagônicas e, de outro lado, acomoda os discursos de caráter informativo ou narrativo sem projeto persuasivo aparente. Entre esses dois polos, estariam “os discursos monogeridos dirigidos à construção da adesão de um auditório e as interações argumentativas em que os participantes buscam negociar um acordo” (Piris, 2023, p. 333).

Com relação às modalidades argumentativas mencionadas, Amossy (2008) elenca as seguintes: a *polêmica*, em que teses antagônicas são confrontadas, em total

desacordo, e as duas instâncias tentam convencer o outro (ou o terceiro que os escuta/lê) opondo-se às teses adversárias e desacreditando o opositor; a *demonstrativa*, ancorada na demonstração racional, apoiada em provas; a *negociada*, cujos parceiros, ainda que em posições divergentes, esforçam-se para chegar a um consenso; a de *co-contrução*, em que os participantes constroem juntos as respostas para um problema levantado em parceria; a *patética*, cuja tese é apresentada de modo a ‘tocar’ emocionalmente o auditório; a *pedagógica*, em que uma instância enunciativa superior transmite um saber a um auditório em posição de aprendiz.

Sabe-se que qualquer ato de fala depende tanto das particularidades de cada situação de comunicação e do contrato estabelecido quanto das escolhas estratégicas feitas pelo sujeito enunciativo. Portanto, atravessando os gêneros do discurso, as diferentes modalidades argumentativas, conjugadas ou não, “modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico” (Amossy, 2008, p. 232), podendo ser facilmente identificadas em alguns textos e, em outros, aparecer de forma menos evidente. Isso nos remete aos conceitos de *intenção* e *dimensão* argumentativa, propostos por Amossy (2011, 2018), os quais fundamentam a discussão deste trabalho.

Para a autora, quando há intenção argumentativa, há uma estratégia de persuasão programada, para cujo êxito uma ou mais modalidades argumentativas são claramente mobilizadas. Já quando a estratégia de persuasão é indireta, muitas vezes não admitida, há uma dimensão argumentativa que se faz notar sutilmente por trás de um discurso não declarado como tal, que se expressa como uma orientação dos modos de ver do interlocutor, na intenção de fazê-lo perceber as coisas de uma certa maneira (Amossy, 2011). Nesse segundo caso, diz a autora, é importante identificar e analisar a maneira como esses discursos aparentemente destinados a outras finalidades (informar, descrever, narrar, testemunhar) conduzem o olhar dos parceiros sem a pretensão explícita de defender uma tese.

Com base no escopo teórico apresentado, concordamos com a diferença estabelecida por Amossy (2011; 2018) entre intenção e dimensão argumentativa, tendo por fio condutor a maneira como a interação subjetiva poderia se manifestar nos diferentes textos. Aproximando essa proposta da de Emediato (2022), pensamos a intenção argumentativa como uma atividade explicitamente mais dialogal ou mais interlocutiva (o que não implica que não seja também, em alguma medida, dialógica e interdiscursiva), oriunda de uma situação de oposição dos próprios participantes em

defesa de seus pontos de vista. Por outro lado, concebemos a dimensão argumentativa como uma interação mais implícita, mais dialógica e mais interdiscursiva, uma vez que se pauta pelo confronto entre discursos.

Desse modo, entendemos que esses dois níveis de argumentatividade podem ser representados e descritos a partir de um *continuum*, levando em consideração que cada gênero, nas diferentes situações de comunicação, pode ter seu projeto persuasivo mais aparente na superfície do texto, buscando a adesão do interlocutor, ou mais implícito, propondo modos de ver o mundo expressos sob outra(s) configuração(ões) enunciativa(s) ou, nos termos da semiolinguística, sob outro(s) modo(s) de organização do discurso predominante(s)². Vejamos, na Figura 1, uma tentativa de representação dessa proposta:

Figura 1 – Níveis de argumentatividade (*continuum* argumentativo)



Fonte: Elaboração própria

Ressalta-se, ainda uma vez, que os dois polos sugeridos na Figura 1 não se opõem de forma estanque e excludente, uma vez que, mesmo nos discursos monogeridos, existe um diálogo constitutivo entre crenças, valores, imaginários e discursos intra e extratextuais. Além disso, entende-se que as modalidades argumentativas estariam presentes de forma mais aparente e persuasiva em textos com intenção argumentativa, ao passo que estariam mais subjacentes e implícitas em textos de dimensão argumentativa.

À vista disso, o que se deseja é viabilizar a descrição de textos como os do *corpus* selecionado, que parecem se situar na fronteira entre as duas diretrizes indicadas na Figura 1. Ao tratar da dimensão argumentativa, Amossy (2018, p. 45) prevê as possibilidades que se abrem com essa concepção mais fluida e ampliada da

² Para Charaudeau (2008, p. 67), todo texto tem algo a dizer e é organizado de acordo com uma determinada estrutura, a depender da finalidade comunicativa do falante. São quatro os modos de organização do discurso postulados por Charaudeau, a saber: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo, cada um com características específicas e aspectos lexicais, sintáticos e semânticos próprios. Esses modos podem estar conjugados em diferentes gêneros e não correspondem ao todo, que é a narração ou argumentação, por exemplo, conceitos mais amplos.

argumentação, incluindo nelas até mesmo textos que suscitam a reflexão e desenvolvem “as diversas facetas de um problema sem impor, nem mesmo sugerir, uma solução unívoca”. A autora dá como exemplo a ficção romanesca, em que o locutor não se preocupa em resolver um conflito de opinião ou defender uma tese forte. Por outro lado, nos textos selecionados para a análise ora desenvolvida, sob a trama mais superficial, há que se observar uma tese implícita e um direcionamento parcial para as questões tratadas, polêmicas à época de sua publicação.

Para Amossy (2011, p. 132), “em todos os casos, a argumentação é inseparável do funcionamento global do discurso”, de modo que, para reconhecer o nível de argumentatividade em determinada produção discursiva, deve-se partir das particularidades da situação de comunicação, do contrato comunicativo e das escolhas estratégicas feitas pelo sujeito enunciador de cada ato languageiro. Com efeito, segundo Charaudeau (2016), o tratamento da argumentação em perspectiva mais ampla baseia-se em uma problemática da influência, pressupondo que a razão argumentativa não reside somente na força dos argumentos ou das ideias, mas nas condições de encenação do ato argumentativo. Assim, diz o autor, “não há mais razão para separar análise da argumentação e análise do discurso” (2016, p. 14), pois deve-se levar em consideração, na análise, todos os processos discursivos envolvidos na coconstrução do sentido à qual se lançam os parceiros, como será proposto a seguir.

3 Narrar para convencer: a argumentatividade em textos narrativos

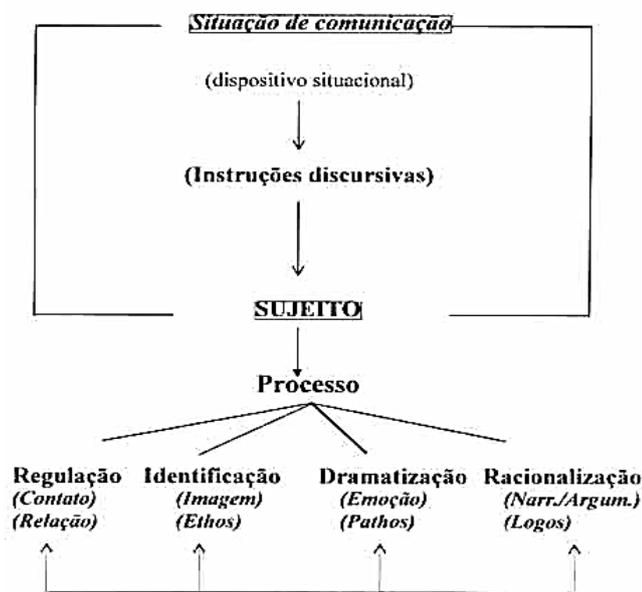
Conforme Emediato (2022), a tradição dos estudos sobre a argumentação é tributária de três problemáticas excludentes, que privilegiam, cada uma, respectivamente, o pensamento, o discurso ou a língua. Qualquer que seja o enfoque tradicional, o processo argumentativo é pensado a partir da ideia de que um argumento leva a uma conclusão e de que uma conclusão está contida no argumento – a conhecida estrutura lógica $A \square C$. Contudo, afirma Emediato (2022), tal raciocínio não garante que o destinatário seja efetivamente persuadido, o que dá espaço a abordagens contemporâneas da argumentação que, preocupadas com o princípio da alteridade e da influência, adotam um viés linguístico-discursivo.

De acordo com Emediato (2022), já na retórica clássica, o problema da adesão e de sua intensidade sempre esteve no centro das discussões. Perelman & Olbrechts-Tyteca, na nova retórica, abordaram a importância das premissas na argumentação

“como ponto de partida de um projeto de influência, assim como o papel central da projeção que o orador constrói sobre seu auditório em torno dos objetos de acordo do real e do preferível (os valores partilhados)” (Emediato, 2022, p. 447).

Charaudeau (2016), ao tratar do tema, afirma que a análise do discurso não deve tomar por objeto a descoberta da verdade, mas sim a descoberta de jogos de apresentação da verdade, como "crer" e "fazer crer". Dessa forma, o autor elenca quatro questões a serem consideradas ao analisar os processos linguageiros que participam desse ato de influência, representadas e resumidas no esquema a seguir:

Figura 2: processos linguageiros no ato de influência



Fonte: Charaudeau (2016).

Como se observa na figura, a questão da influência impõe que o sujeito indague: 1) "Como entrar em contato com o outro, através de qual relação?" (regulação); 2) "Qual posição de autoridade/imagem de si adotar estando diante do outro?" (identificação); 3) "Como tocar o outro?" (dramatização); 4) "Como organizar o dizer a serviço do processo de influência do sujeito?" (racionalização) (Charaudeau, 2016). Tais questões correspondem a cada um dos processos linguageiros estruturadores do ato de influência, os quais obedecem a uma certa dinâmica e recorrem a procedimentos específicos de colocação em cena (apresentação), quais sejam: dos rituais de tomada de contato; da construção do *ethos*; das estratégias do *páthos*; da configuração do *logos*.

A racionalização responde, pois, à necessidade de saber falar do mundo e transmiti-lo ao outro de forma compreensível, por meio dos modos de organização do discurso – enunciar, contar, descrever e argumentar (Charaudeau, 2016). Cada modo de organização tem particularidades e participa, à sua maneira, do processo de racionalização. Para os interesses desta pesquisa, damos destaque à distinção entre o narrativo e o argumentativo, salientando, conforme Charaudeau (2016), que o primeiro é "identificatório", pois permite ao outro projetar-se livremente no relato que lhe é proposto e identificar-se, ou não, com algum aspecto da história; enquanto o segundo é "impositivo", pois obriga o outro a entrar em um modo de pensamento e avaliá-lo em função do seu próprio ponto de vista. Cabe lembrar, contudo, que a narração, como atividade da linguagem, representa uma totalidade discursiva e o modo narrativo, portanto, corresponde somente um de seus componentes. O mesmo se aplica à argumentação, que – “como a narração – é uma totalidade que o modo de organização argumentativo contribui para construir” (Charaudeau, 2008, p. 207).

Com relação à estrutura desses dois modos em destaque, o modo narrativo volta-se para o mundo referencial e é composto por uma sucessão de ações no tempo, interligadas e encadeadas, dirigindo-se a um fim (princípio de intencionalidade), segundo uma lógica que vai constituir a *trama* da história (Charaudeau, 2008). O modo argumentativo, por sua vez, busca estabelecer relações de causalidade diversas, e, assim, defender uma *tese*, a ser compreendida por meio diferentes modos de raciocínio, como: por dedução, por analogia, por oposição, por cálculo etc. (Charaudeau 2016).

Emediato (2022) aponta que a projeção (própria do modo narrativo) e a imposição (própria do argumentativo) são duas atitudes inerentes a todo agir comunicativo, mais complementares do que excludentes. Por isso, a análise do processo de argumentação no discurso não pode negligenciar a reflexão sobre a interação entre essas duas atitudes, visto que ambas se voltam para uma ação sobre as crenças e as representações do outro, em um duplo processo, que age “para manter e reforçar estados de adesão (atitude projetiva), na base, e para intensificá-los, ou mesmo transformá-los e problematizá-los em seguida (atitude impositiva)” (Emediato, 2022, p. 448). Para esclarecer essa relação, o autor explica que:

Ora, se produzir narrativas implica descrever qualidades de seres do mundo e suas ações (qualificá-los, nomeá-los, portanto, defini-los, enquadrá-los), e propor ao outro uma roteirização narrativa do mundo em detrimento de outras, isso já não seria, de certo modo, propor ao destinatário um *modo de*

ver o mundo, de apreciá-lo, de julgá-lo, ou de senti-lo, enfim, de enquadrá-lo cognitivamente, axiologicamente e afetivamente? Oferecer ao outro um mundo ao qual ele se identifica, com o objetivo de se aproximar dele, lhe ser simpático, familiar, já não é impedi-lo de ver o mundo de outro modo, pois “seu” mundo é bem reconhecido e valorizado no discurso? Não é circunscrever suas crenças, suas formas de julgamento, seus gostos, na identificação, ou seja, em uma adesão já instalada, mas sempre susceptível de mudar? (Emediato, 2022, p. 447-448).

Destaca-se aqui que, no fenômeno da argumentação, ao mesmo tempo em que se encontra uma propensão do outro à adesão, opera a resistência à mudança e à persuasão. O modo como adquirimos nossas opiniões – e como as modificamos – é complexo e, já que o ato de persuasão age naturalmente sobre as representações do outro, ele “não o faz apenas para mudá-las, pois é preciso igualmente reforçá-las visando à manutenção da coesão social em torno dos valores comunitários” (Emediato, 2022, p. 447).

Sob a mesma ótica, Amossy (2016) afirma que o discurso argumentativo reconhecido em um texto qualificado ou não como literário (o qual pode ser, como propomos, predominantemente narrativo em sua materialidade verbal), deve ser estudado por sua intenção principal, que é influenciar seu destinatário, “seja para que este adira a uma tese, seja para lhe orientar em sua visão sobre as coisas, ou para suscitar uma problemática” (Amossy, 2016, p. 38). Por essa razão, diz a autora, os estudos sobre o discurso argumentativo devem focalizar não apenas as estratégias discursivas inscritas na materialidade da linguagem, mas também a forma como esse discurso lida com o implícito e o estereotipado e como se ajusta a um imaginário social. É sob esse enfoque que será desenvolvida a análise a seguir.

4 Tiras “que façam mudar”: quando a argumentatividade se sobrepõe à narratividade

Contar histórias faz parte da natureza do homem e é uma atividade que serve ao registro de suas memórias, à expressão de seus anseios, à organização de ideias ou mesmo à reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo. Para Charaudeau (2008, p. 153), contar uma história vai além de descrever uma sequência de fatos ou acontecimentos no tempo, uma vez que depende da existência de um “contador” movido por uma intencionalidade.

Além disso, como destaca o autor, contar representa uma busca por responder a questões humanas fundamentais; é uma atividade languageira voltada para o mundo

referencial, que implica uma série de tensões e contradições; é, ainda, uma atividade simbólica interdiscursiva atravessada por representações socioculturais, que criam valores e justificam as ações humanas. Nesse aspecto reside, pois, em diferentes níveis, a argumentatividade de textos predominantemente narrativos, tendo em vista que “compartilham um ponto de vista sobre o real, reforçam os valores ou orientam a reflexão” (Amossy, 2006, p. 10), fundamentando seu projeto persuasivo no desenvolvimento de estratégias de adesão que vão desde o reforço de valores vigentes até sua problematização.

De acordo com Amossy (2016, p. 21), a interação do locutor e do receptor se molda “pelo gênero do discurso selecionado, que depende das possibilidades de uma época, isto é, da gama e da hierarquia dos discursos que uma cultura propõe em um momento determinado de sua história”. Desse modo, sob uma perspectiva dialógica e interacional, procederemos à análise da argumentatividade inerente ao discurso das tiras selecionadas como *corpus* deste estudo, tendo em vista aspectos constituintes de seu dispositivo enunciativo, a saber, o gênero de discurso em questão, a situação comunicativa e os imaginários sociais envolvidos (Amossy, 2016).

Focalizando mais especificamente os quadrinhos – hipergênero ao qual se filia nosso objeto de análise –, recordamos que o famoso quadrinista e professor de artes visuais Will Eisner classifica esses textos, de maneira ampla, como “arte sequencial”, levando em consideração que se configuram como uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (Eisner, 1995, p. 5). De igual modo, Cirne (2000, p. 23-4) defende que o traço diferencial dos quadrinhos reside no espaço de uma narrativa gráfica impulsionada por sucessivos cortes gráficos, a serem preenchidos e redimensionados pelo imaginário do leitor. “De maneira mais simples” – argumenta – “a especificidade dos quadrinhos implica seu modo narrativo, determinado pelo ritmo das tiras e/ ou páginas em função de cada leitura particular, leitura esta que se constrói a partir das imagens e dos cortes”.

O *corpus* que ora passamos a analisar é composto por três tiras publicadas no ano de 2020, no Brasil, pelos cartunistas Paulo Moreira, Caetano Cury e Carol Ito³. As peças, que tematizam a pandemia de *covid-19*, são tratadas, em nossa perspectiva, como tiras livres, consoante os pressupostos de Ramos (2010; 2016).

³ Agradecemos aos cartunistas Carol Ito e Caetano Cury a gentileza de autorizar o uso dos textos selecionados para esse trabalho.

Em geral, as tiras em quadrinhos são textos curtos, de formato retangular, construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não e com desfecho inesperado no final. Diferentemente das *tiras cômicas*, que têm um desfecho cômico; das *tiras seriadas*, que fazem parte de uma narrativa maior; e das *tiras cômicas seriadas*, que são um misto das duas primeiras; as chamadas *tiras livres*, que constituem nosso *corpus*, fogem das regularidades das anteriores, com marcas variáveis, por vezes experimentais:

Uma primeira constatação é que há nesses trabalhos marcas que os afastam dos demais gêneros de tiras: ausência de humor e de piada, como nas tiras cômicas; histórias narradas em uma lufada só, ao contrário das histórias seriadas. Além disso, reiteram as recorrências vistas nas tiras de Laerte a partir de 2005: tendem a ter liberdades temática, estilística e estrutural, ausência de personagens e situações fixas, experimentação gráfica. Há casos em que predominam todas as marcas. Em outros, apenas parte delas. Em todos, a forma livre de criar (Ramos, 2016, p. 71).

Um aspecto contratual do gênero tira livre mencionado por Ramos (2016), em referência a alguns autores, é seu florescimento articulado à ampliação dos espaços digitais de divulgação do trabalho dos cartunistas, para além do contexto editorial dos jornais, onde esses textos costumavam ser predominantemente publicados ao longo do século XX. Segundo Ramos (2017), o volume de tiras publicadas em *blogs* e *sites* já é superior ao das publicadas em jornais do país, o que, além de poder oferecer recursos diferenciados à inovação das técnicas graças ao aparato tecnológico, reduz o custo de produção e distribuição e amplia o acesso aos textos pelo público.

Além disso, segundo Nicolau e Magalhães (2013, p. 72), tais gêneros “são imprescindíveis para a construção do pensamento crítico, quando não se dobram à massificação e se permitem a liberdade inventiva”. As versões mais livres têm, pois, seu papel social amplificado, uma vez que investem mais diretamente no potencial reflexivo e frutivo por meio da problematização de temas e momentos históricos marcantes, a exemplo da pandemia de *covid-19*, que figura neste trabalho. Quer se trate de tiras em formato impresso ou digital, o quadro teórico da Semiologia dá suporte ao tratamento das tiras em quadrinhos como um gênero do domínio midiático, partindo-se do pressuposto de que seu projeto enunciativo está ancorado, quanto à intencionalidade, em uma dupla visada discursiva de informação (fazer-saber) e de captação (fazer-sentir).

Tendo claro, porém, que o contexto social de produção do *corpus* é um período de grandes sofrimentos devidos aos prejuízos materiais e imateriais decorrentes da

pandemia e também de muitas incertezas derivadas da polarização política em relação às medidas sanitárias propostas como combate ao coronavírus no Brasil, uma maior tendência à captação é perceptível no projeto dos artistas em questão. A configuração discursiva híbrida entre narratividade e argumentatividade – ou entre a trama e a tese, como sugerimos nesta investigação – fortalece essa visada discursiva voltada para um *fazer-sentir*, sustentando, sob a aparente descrição de um encadeamento progressivo de ações em um universo ficcional quadrinístico, o interesse primordial dos enunciadores de questionar comportamentos negacionistas e apoiar o isolamento social, como veremos a seguir.

Como caminho metodológico, como já se pontuou, na análise do *corpus*, além dos aspectos constituintes do dispositivo enunciativo das tiras selecionadas, examinar-se-á, em detalhes, a construção verbo-visual dos textos selecionados, com ênfase no entrelaçamento entre aspectos narrativos mais superficiais e escolhas argumentativas mais ou menos implícitas. Espera-se, por meio desse percurso, evidenciar a configuração híbrida dos textos em estudo, capaz de conjugar uma tematização e uma problematização a respeito da realidade pandêmica no Brasil, e testar a validade da proposta sugerida na Figura 1.

Texto 1 – Paulo Moreira, *Facebook*, 14/04/2020



Fonte:

<https://www.facebook.com/paulomoreirap/photos/a.1579470408934039/2558958980985172/?type=3>. Acesso em: 29 nov. 2023.

O Texto 1 é de autoria do cartunista Paulo Moreira, jovem ilustrador paraibano que ficou conhecido nas redes sociais, em 2019, após receber comentários de celebridades nacionais e internacionais sobre seus trabalhos. No Texto 1, os três primeiros quadros apresentam ao leitor, em primeiro plano, um personagem masculino, cujo comportamento se assemelha ao de pessoas contrárias às medidas de proteção sanitária sugeridas por especialistas durante a pandemia. Essa

qualificação se evidencia não apenas no discurso verbal do personagem, também na caracterização de seu vestuário, no primeiro quadro: uma camisa verde e amarela, cores da bandeira do Brasil, que, por sua vez, é símbolo estimado por pessoas filiadas à extrema-direita brasileira e por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, conhecido por ironizar e desprezar publicamente a *covid-19* em muitas ocasiões.

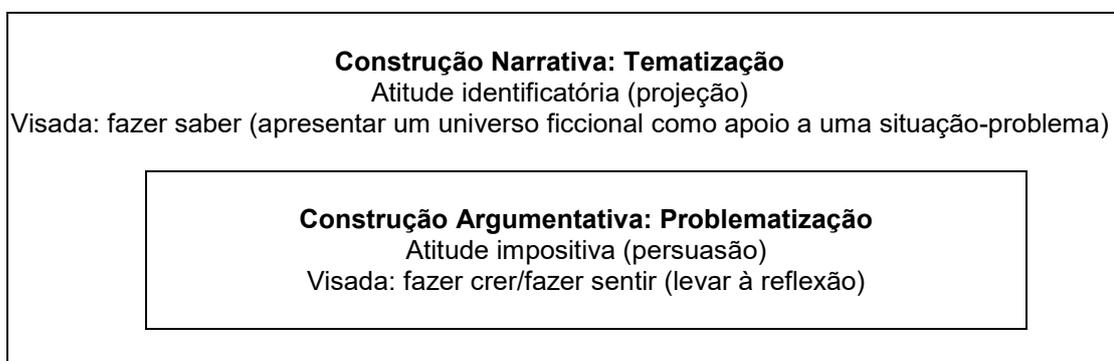
Outrossim, os signos verbais do texto reproduzem, nesse sentido, falas comuns de pessoas negacionistas que continuaram vivendo suas vidas normalmente, promovendo aglomerações e ignorando a letalidade do vírus – tratado como “bactéria véa safada”. Essa descrição sugere a desinformação muito comum no período – mesmo diante do aumento do número de vítimas fatais da doença. Note-se, ainda, a elaboração enunciativa em primeira pessoa, que pode favorecer a projeção (harmoniosa ou contrária) do leitor com esse personagem que se assume como “eu”.

Na progressão visual do texto, o leitor percebe, contudo, um desencontro em relação ao tom irredutível e despreocupado dos enunciados nos balões: a evolução dos quadros e os cortes gráficos levam à percepção de que o personagem, que aparecia muito saudável na primeira cena, no segundo quadro, adocece; na sequência, é hospitalizado em estado grave, dependendo de um respirador; e, por fim, morre. Vale notar a mudança no plano de visão do último quadro, alterado para focalizar a figura humana oculta propositadamente no conjunto do cenário de um cemitério. A relação estabelecida entre a parcela verbal e a parcela visual do texto é, portanto, de oposição, uma vez que o primeiro conjunto apresenta a ideia de que seria possível levar a vida normalmente durante a pandemia, porque o vírus seria inofensivo; ao passo que o segundo arranjo mostra, em plano de conjunto, mais distanciado, a consequência do pensamento negacionista: contaminação e morte.

Relembrando os termos de Amossy (2018) e Emediato (2022), o princípio dialógico de todo enunciado instaura, inevitavelmente, a presença do outro no discurso. Em um movimento interdiscursivo, ainda que revele explicitamente uma sequência de fatos, o dialogismo evoca, na narrativa, opiniões e crenças de outros sujeitos em relação às quais o enunciador do Texto 1 se posiciona e que deseja pôr em evidência diante do leitor. Restringido pelas circunstâncias de produção do ato de linguagem e pelas cláusulas contratuais mais específicas, o sujeito enunciador equilibra-se, como já foi exposto, entre uma atitude discursiva projetiva – materializada, no *corpus* em estudo, na configuração narrativa verbo-visual dos quadrinhos; e uma atitude impositiva – expressa em uma configuração persuasiva

tomada como intermediária entre a intenção e a dimensão argumentativa (Amossy, 2011; 2018). Propomos, no gráfico a seguir, uma ilustração desse duplo processo de encenação, a fim de elucidá-lo:

Figura 3: A argumentatividade em tiras em quadrinhos



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 3 representa uma proposta de descrição da configuração enunciativa no Texto 1 – que se aplicará também aos demais textos do *corpus* –, pondo em evidência a relação de interdependência entre narratividade e argumentatividade. A partir do exame de aspectos do domínio midiático, do contrato comunicativo do gênero tira livre e dos imaginários sociodiscursivos em torno do tema da pandemia de *covid-19*, consideramos o predomínio da argumentatividade e sua manifestação em um nível linguageiro intermediário, em que, embora a materialidade sígnica superficial e explícita se configure como uma sequência verbo-visual narrativa, prevalece uma intenção persuasiva nuclear no projeto intencional, por meio da qual o enunciador recorre a diferentes modalidades a fim de levar o leitor à adesão de uma tese implícita.

Com foco específico no Texto 1, pressupomos que, ao arranjo narrativo mais aparente (mas que não apresenta, por exemplo, um personagem conhecido, como é comum no gênero tira cômica), sobrepõe-se um direcionamento argumentativo que busca levar leitor a se convencer de que o negacionismo em relação à pandemia de *covid-19* tem/teve consequências graves, como previram os estudos científicos e as projeções de autoridades sérias. Dessa forma, como sugere Emediato (2022), ao narrar o breve enredo da morte de um negacionista durante a pandemia, na verdade, o enunciador do Texto 1 convida o interlocutor a ver um mundo com o qual ele, cartunista, se identifica, pondo em perspectiva visões diferentes desse mundo, a fim de que o leitor se familiarize com seu ideal reconhecido e valorizado pela via do discurso. Nesse caso, para obter a adesão do(s) interlocutor(es), o enunciador vale-

se da modalidade argumentativa patética, pois, por meio da narrativa, um ponto de vista é apresentado de modo a “tocar” o auditório (Amossy, 2008, p. 233).

No Texto 2, o negacionismo é combatido pela mobilização de uma tópica mais sentimental e afetiva, materializada, inclusive, por meio da técnica aquarelada e das cores mais suaves de Caetano Cury, radialista e cartunista de origem mineira:

Texto 2 - Caetano Cury, *blog* Téo & O Mini Mundo, 12/12/2020



Fonte: <https://gostonomia.com.br/2020/12/17/teo-o-mini-mundo-4/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Publicada às vésperas do Natal, como se nota, a narrativa do Texto 2 também é protagonizada por um personagem masculino; porém, o enquadramento das cenas que estruturam a progressão é feito na direção contrária à eleita por Paulo Moreira, que parte de uma focalização visual mais próxima para uma mais distante. A escolha de Cury, no Texto 2, é coerente com o conhecido estilo mais filosófico e intimista do autor, autodefinido em seu *blog* como “tirinhas em aquarela sobre amor, humor e autoconhecimento”. Assim, para ler o Texto 2, percorremos, com o olhar, um trajeto de fora para dentro, em dois momentos: o primeiro mais externo e afastado, visto, respectivamente, em plano geral (quadro 1), em que se destaca a paisagem de uma praia lotada em um dia de sol; e em plano total (quadro 2), focalizando um pouco mais de perto o cenário de um bar igualmente cheio de pessoas. O segundo momento, em contraste, revela, em plano americano, o cenário do interior de um imóvel, aonde o protagonista chega, na noite de Natal, portando máscara (quadro 3) e encontra uma mulher idosa (quadro 4), que inferimos ser de sua família.

As escolhas verbais, por sua vez, encadeiam a narrativa de forma solidária com as imagens, em uma relação que sugere causa e efeito e demanda inferências do leitor. Diferentemente do Texto 1, a narrativa em 1ª pessoa agora projeta a identidade de alguém que respeita o isolamento social diante das aglomerações ao redor, o que se justifica pelo desejo de estar com uma mulher na noite de Natal. É importante destacar, nesse sentido, o emprego das reticências como propulsor de um suspense em torno da identidade dessa mulher, que se complementa no diálogo com a visualidade em uma relação de causa e efeito. Assim, o personagem – um jovem rapaz – afirma não ter ido à praia nem ao bar e ter ficado o tempo todo sozinho “por causa de uma mulher...”, “Tudo para poder abraçá-la...”.

Até descobrirmos, no último quadro, que a mulher é uma pessoa idosa, e compreendermos a conexão causal com o comportamento do personagem-enunciador, a referência linguística à “mulher” é ambígua: sugere que seja um par amoroso, que poderia ter impedido o personagem de ir a diversos lugares por estar comprometido; ou, em outra leitura, poderia ser pivô de uma desilusão amorosa, motivo de o enunciador estar, talvez, deprimido e não querer ir a nenhum lugar. O repertório semântico em torno do Natal também é convocado nesse momento na representação desse referente, tendo em vista que essa é uma época de confraternizações familiares – o que foi diretamente restringido pela pandemia.

A narrativa de um homem que optou por não frequentar lugares em que havia aglomerações de pessoas e por utilizar máscara a fim de evitar a contaminação pelo vírus da *covid-19* é, pois, claramente um “pretexto” para o direcionamento argumentativo de uma tese por parte do enunciador do Texto 2: a ideia de que o isolamento social vale à pena em nome da preservação da vida e dos afetos familiares. Por meio da exploração do potencial patêmico da imagem maternal e da aura natalina, do encontro em família – adiado por tanto tempo em razão do isolamento social –, o cartunista problematiza comportamentos negacionistas e orienta o olhar do leitor, convidando-o a aderir a sua visão de mundo, também valendo-se, assim como o texto 1, da modalidade argumentativa patética.

Por fim, o último texto que compõe nosso *corpus* é de autoria da cartunista Carol Ito e integra uma série de tiras sobre a quarentena, publicada no *blog* da artista. O tema é direcionado ao “futuro pós-covid”; contudo, é atravessado, nessa peça, pela questão da preservação ambiental da Amazônia em razão da ocorrência, à época, de

uma série de incêndios na região, atribuídos, por vezes, a ações criminosas de exploradores ilegais.

Texto 3 - Carol Ito, série Quarentiras, *blog Salsicha em conserva*, 01/06/2020



Fonte: <https://salsichaemconserva.wordpress.com/tag/amazonia/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

O Texto 3 apresenta três cenas enquadradas sob um plano médio ou aproximado, nas quais, em cada quadro, um personagem diferente prevê o futuro depois da pandemia. A sequência narrativa é mais simples, uma vez que os personagens apenas emitem uma fala, posicionados como se interagissem diretamente com o leitor. Quanto à parcela visual do texto, observa-se um contraste na elaboração dessas figuras e dos cenários: são duas pessoas brancas posicionadas, nos dois primeiros quadros, em um cenário vago, que pode sugerir o isolamento vigente à época da publicação da tira; e, no último quadro, há uma pessoa indígena diante de um fundo cheio de árvores cortadas e fogo. Esse último cenário, que sugere incêndio e desmatamento, remete à Amazônia, informação que o leitor contemporâneo da publicação só poderia recuperar do noticiário da época, uma vez que não há clareza quanto ao lugar retratado.

A relação verbo-visual sugere, como nas peças anteriores, uma relação de contraste dada, aqui, por uma quebra de expectativa. Os signos linguísticos focalizam o interesse pelo futuro pós-covid nos primeiros quadros, com ênfase no que parecem ser comentários comuns de pessoas simpáticas à quarentena, que levam em consideração valores e aspectos sociais positivos, ampliados, de certa forma, pela

pandemia. Nesse sentido, o emprego da 1ª pessoa do plural projeta uma crença coletiva de que “dias melhores virão”, asseverada por meio da perífrase do verbo *ir* acrescido de *ter* e *dar*: “*vamos ter* mais empatia e colaboração”, “*vamos dar* mais valor à vida”, o que evoca, por negação, situações de falta de empatia e de desvalorização da vida observadas durante a pandemia. Somado à expressão facial alegre e disposta, tal arranjo verbal denota, ao mesmo tempo, um possível comprometimento dos personagens com um comportamento positivo no futuro, o que decorreria das lições deixadas pela *covid-19* ao mundo.

Entretanto, no desfecho da tira, o discurso da personagem indígena é marcado por um tom pessimista, sustentado pelo pano de fundo da cena, em que a floresta clama por socorro. Focalizando a enunciação como pergunta retórica – “*Futuro?*” –, segundo Charaudeau (2008), convém lembrar que o questionamento pode ter valor argumentativo e corresponder a diferentes visadas, como a provocação, a incitação a fazer, a proposta de uma escolha etc. No texto em tela, essa escolha parece traduzir a recusa a se pensar, de forma imediata e com viés otimista, no fim da pandemia, e põe em xeque a própria existência de um futuro da Amazônia e, por extensão, do próprio Brasil e do planeta após a pandemia, em razão da degradação ambiental e da ação predatória humana, que não são recentes.

Esse deslocamento do olhar do leitor problematiza o discurso de pessoas que, confortáveis em suas casas durante o isolamento, tentam ver “o copo meio cheio”; pode sugerir, pois, certa hipocrisia e alienação nesse posicionamento. O direcionamento argumentativo que se sobrepõe a essa sequência narrativa que focaliza, essencialmente, o contraste entre opiniões, visa a fazer o leitor refletir sobre questões que ultrapassam o universo interpessoal durante a pandemia. Mais uma vez, a modalidade argumentativa patética é acionada, pois a pergunta, que convoca o leitor a refletir, tem como fundo um cenário devastado. A tese implícita para a qual se busca adesão é a de que a empatia, a colaboração e a valorização da vida, na verdade, estão longe de atingir o ideal necessário à vida humana pré e pós-covid-19.

5 Considerações finais

Ao discutir a argumentação na obra em que lança as bases da Teoria Semiociológica, Charaudeau (2008) compara as atividades de narrar e argumentar a partir da possibilidade de anulação: “Não se pode *anular* uma narrativa. Pode-se

dizer que ela é inexata ou inventada, mas sua contestação não a destrói. Em contraste (...), a argumentação desaparece sob a contestação se não logra superá-la” (2008, p. 201, grifos do autor). Tais palavras do linguista francês, tributário de uma perspectiva amplificada e linguístico-discursiva da atividade argumentativa, põem em evidência, em primeiro lugar, que não se pode negar o caráter dialógico constitutivo de qualquer texto/discurso, o qual submete toda e qualquer produção linguageira humana a uma *atitude responsiva ativa* do outro (Bakhtin, 1992), seja para validá-la, seja para contestá-la – o que instaura a argumentatividade.

Em segundo lugar, a observação de Charaudeau nos leva a pensar na potencialidade comunicativa de textos que conseguem conjugar, de maneira tão harmoniosa e pragmática, uma atitude narrativa ou projetiva e uma atitude argumentativa ou impositiva (Emediato, 2022), a exemplo das tiras analisadas neste estudo. Lembramos que, para construir uma narrativa, afirma Cirne (2000), o pano de fundo é o lugar do desejo social, o qual, tomado como ponto de partida pela narrativa dos quadrinhos, faz dela um espaço privilegiado para a elaboração de uma argumentatividade em perspectiva dialógica. Com efeito, sob esse prisma, os quadrinhos investem em uma leitura radical – que se dá, ao mesmo tempo, de forma múltipla, simultânea e interativa entre autor e leitor.

Paralelamente, conforme Cirne (2000), sendo a grafia narrativa quadrinística marcada pela semiotividade de um “não dito significante”, é na implicitude que são forjados seus efeitos de sentido mais preponderantes. Assim sendo, como vimos, uma vez que viabilizam uma estratégia persuasiva essencial ao seu contrato comunicativo conjugada a uma atitude projetiva e a uma roupagem sígnica verbo-visual narrativa, tiras livres podem resistir à possibilidade de anulação da validade de seus argumentos pela via da contestação, bem como podem promover, se não a efetiva persuasão do leitor, ao menos sua conscientização sobre outros modos de olhar o mundo por meio de recursos de captação. Trata-se de um investimento propício, nesse sentido, à manutenção do diálogo em uma sociedade extremamente fragilizada pelos desdobramentos de uma pandemia e, mais do que isso, polarizada entre ideais científicos e políticos que implicam diretamente a sua sobrevivência.

FROM PLOT TO THESIS: ARGUMENTATIVENESS IN COMIC STRIPS DISCOURSE ABOUT THE PANDEMIC

Abstract: Based on an expanded approach to argumentation (Amossy, 2011; 2018; Charaudeau, 2008; 2016; and Emediato, 2022), this work proposes a reflection on the argumentativeness which is inherent to discourse, considering its different levels of manifestation and, mainly, the intentionality of the communicative act. A group of comic strips was chosen as corpus, due to the critical content and pendulum movement of this discursive genre in relation to the information-capture axis typical of media. Assuming a tendency to capture the reader to lead him/her to reflection, we maintain that the texts analyzed present an intermediate level of argumentativeness, because, despite not being explicitly argumentative in their formal configuration – which would correspond to a prototypical argumentative aim –, they do more than just directing the reader's gaze, as Amossy (2011) proposes. Therefore, the analysis focuses on the hybrid enunciative organization, in which a short-narrated plot structures the argument and supports an implicit thesis around the topic at hand – the covid-19 pandemic in Brazil.

Keywords: argumentativeness; intentionality; dialogism; narrative; comic strip.

Referências

AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2008. p. 231-254.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

AMOSSY, Ruth. A interação argumentativa no discurso literário: da literatura das ideias ao relato de ficção. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 5-41, dez. 2016.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Trad. Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, Sigrid. (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução: Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. *Revista Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 10, Dezembro 2011. p. 01- 23.

CHARAUDEAU, Patrick. A argumentação em uma problemática da influência. *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Trad. de Maria Aparecida Lino Pauliukonis. [www.revel.inf.br].

CHARAUDEAU, Patrick. O turbilhão do interdiscurso. In: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação*: traduções. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 71-96.

CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EMEDIATO, Wander. *Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

GRÁCIO, Rui A. *Vocabulário Crítico de Argumentação*. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

MACHADO, Ida Lúcia; COURA, Jerônimo; MENDES, Emília (org.). *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

NICOLAU, Vitor; MAGALHÃES, Henrique. As tirinhas e a cultura da convergência: um estudo sobre a adaptação deste gênero dos quadrinhos às novas mídias. In: LUIZ, Lucio (org.). *Os quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013.

PIRIS, Eduardo Lopes. Ruth Amossy e sua abordagem sociodiscursiva da argumentação. In: PIRIS, Eduardo L.; GRÁCIO, Rui A. (orgs.). *Introdução às teorias da argumentação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

RAMOS, Paulo. *Tiras Livres: Um Gênero em Processo de Consolidação*. 2010. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

RAMOS, Paulo. *Tiras Livres: um novo gênero dos quadrinhos*. 2. ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.

RAMOS, Paulo. *Tiras no ensino*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

Recebido em 14/12/2023

Aceito em 13/05/2024

Publicado em 24/11/2024